

## ENTRE O DITO E O NÃO-DITO: A MORTE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Marcus Vinicius Mayer Pereira<sup>1</sup>  
Fernando Seffner<sup>2</sup>

**Resumo:** Conversar ou ler sobre a morte é algo raro em nossa sociedade. Na escola ainda menos. Porém, a curiosidade e as perguntas sobre a finitude adentram as fronteiras da sala de aula. Neste caminho, as obras literárias encontram espaço. Defende-se aqui a importância de sua leitura no espaço escolar, pois elas propiciam a chamada educação em temas sensíveis, ou questões socialmente vivas, e podem auxiliar a formar bons leitores. Analisam-se alguns livros infantojuvenis que tratam da temática, e estabelecem-se relações possíveis entre seu conteúdo e a própria seleção das obras. Indicam-se tópicos que, a partir da leitura das obras, são atuais, insistindo em seu potencial de abordar temas sensíveis, tarefa escolar cada vez mais urgente.

**Palavras-chave:** Morte. Literatura infantojuvenil. Escola. Família. Religião.

### Between said and unsaid: Death in literature for children and young adults

**Abstract:** Talking or reading about death is a rare occurrence in our society. At school even less. However, curiosity and questions about finitude penetrate the boundaries of the classroom. In this way, literary works find space. The importance of their reading in the school space is defended here, because they provide the so-called education in sensitive subjects, or socially alive questions, and can help to form good readers. Some children's books dealing with the subject are analyzed, and possible relationships between their contents and the selection of works are established. Indicated are topics that, based on the reading of the works, are current, insisting on their potential to address sensitive issues, an increasingly urgent school task.

**Keywords:** Death. Children's Literature. School. Family. Religion.

### O COMEÇO DO FIM...

Embora cientes da impossibilidade da imortalidade, sabendo que depois da vida o que de mais certo existe é seu fim, falar sobre a morte é mais

---

<sup>1</sup> Escola Estadual de Ensino Médio João XXIII (mvmayerpereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (fernandoseffner@gmail.com)

complicado do que aparenta ser. Imagine tal tema em sala de aula, entre a curiosidade das crianças e o receio da professora<sup>3</sup> em abordar o assunto. Há que se considerar as crenças religiosas que fazem da morte uma questão central, o provável embate a partir de visões diferentes professadas pelas famílias, a possível acusação de estímulo ao suicídio, o atual clima de vigilância constante no exercício da docência, dentre outros dispositivos de cerceamento. Por conta dessas razões, consideramos a abordagem do tema da morte em sala de aula como vinculada ao ensino de temas sensíveis, de questões socialmente vivas, de temas controversos ou questões delicadas. Cada sociedade tem as suas. No Brasil contemporâneo, é delicado falar em gênero e sexualidade na escola (está aí o movimento contra a *ideologia de gênero* que não nos deixa mentir), exige sensibilidade abordar o período da ditadura militar de 1964 a 1985 (está aí o movimento escola sem partido, que busca cercear a liberdade de ensinar e insiste em denominar este período de *democracia dirigida*), desperta polêmica a abordagem do evolucionismo como teoria científica a explicar a origem da humanidade (está aí o recente caso julgado pelo STF referente ao direito ao *homeschooling*, ou educação domiciliar, solicitado por uma família gaúcha cujo pertencimento religioso a faz acreditar no criacionismo). Cientes da importância de abordagem do tema da morte em todos os níveis de ensino, enfocamos neste texto sua pertinência para a formação de um leitor, tomando para análise um *corpus* de obras infantojuvenis que tratam da temática, estabelecendo relações entre os textos e as ilustrações. Tomamos como pressuposto o fato de que, justamente por estar na categoria de tema sensível ou questão socialmente viva, o tema da morte na literatura tem potencial de formação de leitores, que ali encontram resposta a sua curiosidade, e também um deslocamento em relação a suas crenças, abrindo interesse para outras leituras.

Os livros que analisamos são aprovados pelo Ministério de Educação e compõem os acervos das bibliotecas escolares. Portanto, vivemos em um país em que a abordagem da morte na educação básica faz parte das políticas públicas e está vinculada à leitura de obras literárias. Diante disso, delimita-se a abordagem da morte em obras literárias infantojuvenis indicadas por meio de programa governamental, tendo o seguinte problema de pesquisa: “Quais representações e ensinamentos são propiciados na vida de crianças e jovens acerca da morte e que estão abrigadas em enredos de livros de literatura infantojuvenis selecionados e entregues às instituições públicas de ensino,

---

<sup>3</sup> Ao longo do texto alternamos o uso dos vocábulos professora e professor, com privilégio do primeiro, de modo a bem refletir a realidade da docência de ensino fundamental e médio no País, majoritariamente feminina.

considerando as implicações para a docência?”. A resposta a essa questão buscamos construir estabelecendo diálogo entre dois campos de pesquisa e práticas pedagógicas: o da educação em temas sensíveis e o da formação do aluno leitor, mediados pelas obras literárias selecionadas. Dito de outro modo, queremos traçar conexões entre falas literárias e a educação em temas sensíveis. Os livros permitem diálogo com as crenças dos alunos? São porosos no sentido de que cada um pode completá-los com suas crenças? São obras que favorecem a ‘catequese’ dos alunos em determinada direção de crenças sobre a morte? Sua leitura pode originar conflitos com o pertencimento religioso dos alunos e suas famílias? Estabelecemos um cotejo com as percepções da morte construídas ao longo da História, considerando sua repercussão para as obras literárias infantojuvenis na contemporaneidade. De modo complementar, buscamos nas obras marcadores sociais da diferença (geração, raça, classe, gênero, orientação sexual, posição política e outras variáveis a estabelecer diferenças entre os personagens do enredo) nos livros selecionados, descobrindo em quais realidades os enredos inserem suas personagens e como evidenciam o fenômeno da morte. Buscamos, também, avaliar a natureza cultural e ideológica, entendida ideologia aqui como visão de mundo, sobre um determinado contexto, e com isso, auxiliando na produção do aluno leitor.

## **EM MEIO A TEXTOS E TESTAMENTOS: MORTE & LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Estampada nas manchetes de jornais e revistas, em noticiários televisivos, nas mídias sociais, em fatos compartilhados ou testemunhados. Nesta mistura de incompreensão, revolta e negação, a morte pode ser encarada como um assunto que não deve ser discutido. Seja como for, ela está ali, e não há como dela desviar o tempo todo. Ela provoca sensações de perda, ansiedade, tristeza ou curiosidade. Ela pode ser, também, um tema escolar:

[...] falar de morte às crianças continua a ser uma das principais preocupações de pais, professores e outros agentes educativos que frequentes vezes têm de dar resposta a perguntas difíceis dos mais novos sobre o que é a morte, se há vida para além dela e o que acontece às pessoas que morreram. Confusos e desorientados, muitos adultos refugiam-se na não-resposta ou em respostas de

caráter evasivo, eufemístico, metafórico e simbólico, alegando frequentemente que a morte é um estado de profundo adormecimento e que a pessoa que morreu foi para o céu, que se transformou numa estrela ou num anjo, numa explicação que se inscreve claramente na tradição judaico-cristã (MENDES, 2013, p. 1114).

Porém, nem sempre foi assim. Como aponta Ariès (2017), o quarto de um moribundo era cercado de amigos, vizinhos e familiares, transformando-se em uma grande reunião, com a presença de crianças transitando nessas cenas, representadas em quadros e pinturas até o século XVIII. Percebe-se o contraste com os cuidados ora adotados para distanciá-las das circunstâncias em que a morte está presente. Essa longa mudança de comportamento, frente à imagem da morte, pode ser resumida em três etapas significativas:

a) no fim da Idade Média, as imagens macabras significavam, segundo Huizinga e Tenenti, um amor apaixonado pela vida e ao mesmo tempo, creio eu, o fim de uma tomada de consciência, iniciada no século XII, da individualidade própria à vida de cada homem; b) do século XVI ao XVIII, imagens eróticas da morte atestam a ruptura da familiaridade milenar do homem com a morte. Como disse La Rochefoucauld, o homem não pode mais olhar de frente nem o sol, nem a morte; c) a partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que, a partir de então, se entende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível (ARIÈS, 2017, p. 150).

Segundo o relatório *Violência letal contra as crianças e adolescentes do Brasil*, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em 2013 foram assassinadas 29 crianças e adolescentes, por dia, no Brasil, sendo que as armas de fogo estiveram presentes em mais de 78% dos casos de homicídios de crianças e adolescentes de até 17 anos. Além disso, a cada dia, aproximadamente, duas pessoas de até 18 anos consumaram suicídio naquele ano. Outro dado relevante é que crianças e adolescentes negros são vítimas de homicídio 178% mais do que brancos. No mesmo ano, no conjunto da população de até 17 anos de idade, a taxa de homicídios de brancos foi de 4,7 por 100 mil e, a de negros, 13,1 por 100 mil. Focalizando os adolescentes de 16 e 17 anos, a taxa de homicídios de brancos foi de 24,2 por 100 mil. Já a taxa de adolescentes negros foi de 66,3 em 100 mil. Proporcionalmente, o

número de vítimas negras é quase três vezes maior que o de brancas (WASELFSZ, 2015). Tais dados permitem perceber que a morte, e a morte de crianças e jovens, está em muitas situações ambientada em contextos de violência. Considerando que experimentamos hoje, no Brasil, situação de elevadas taxas de escolarização de crianças e jovens na educação básica, podemos supor que a morte não é situação alheia ao cotidiano escolar, na forma violenta ou não.

Nesse universo, insere-se a literatura infantojuvenil, por vezes tomada como forma literária menor, por vezes vista unicamente pelo viés da função pedagógica ou utilitário-pedagógica. Apostamos aqui em outras direções. A curiosidade com um tema, sua percepção de tema sensível, aliada à leitura de um texto saboroso, implica momento de fruição e de aquisição de conhecimentos, de problematização das concepções que a criança ou o jovem tem sobre o assunto. O tema da morte está lá, no meio social, e uma boa leitura poderá criar novas possibilidades de compreensão, efetuando deslocamentos de sentido na compreensão original:

Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos linguísticos. O trabalho com tais signos remete o texto para alguma coisa fora dele, de modo a resgatar dados de um real verossímil para o leitor infantil. Este, tratado fisionomicamente sob o ‘modo de ser’ do adulto, reflete-se para a produção infantil como um receptor engajado nas propostas da escola e da sociedade de consumo. Deverá, sobretudo, apreender, via texto literário infantil, a verdade social (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 9).

Aliás, esta questão polêmica, sobre qual a finalidade da literatura infantojuvenil entre instruir ou divertir, vem de longe, com raízes na Antiguidade Clássica, sofrendo, vez por outra, radicalizações em defesa de uma posição em detrimento da outra. Contudo, nem sempre será uma opção do escritor em relação à adoção desta ou daquela finalidade, mas das tendências dominantes de sua época, resultando em um dilema para quem exerce a docência ou para quem escreve obras para esse público em uma sociedade e literatura em crise de mudança.

Entretanto, se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como ‘literatura infantil’, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas (embora limítrofes e, as mais das vezes, interdependentes): a da arte e da pedagogia. Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 2000, p. 46).

Tomando a literatura infantojuvenil como meio de dialogar com os temas e os problemas que as crianças e jovens vivem em seu cotidiano, adverte-se para uma certa limitação na produção denominada de *literatura realista* para esse público. Ao mesmo tempo, ela é mercado que encontra na escola uma importante outorga para a divulgação e circulação de seus produtos, conforme elucidam Lajolo e Zilberman (1999), em diagnóstico já antigo, ou mais recentemente Palo e Oliveira (2006). Ainda que haja uma tentativa de desvinculação de obras com forte enredo como de caráter didático, o mercado editorial é fomentado pelas políticas públicas do livro didático, paradidático e das obras de “leituras de formação”, o que renova o status pedagógico das obras e sua presença na escola:

Se esse novo status favorece sua decisão recente de manter-se distanciada da tentação pedagógica conservadora, ele é impotente para resolver outros impasses antigos em que se debatem os livros para crianças: sua circulação continua dependente da instituição escolar e, com mais nitidez do que em outros gêneros, os livros infantis constituem um produto em torno do qual giram sólidos capitais (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 162).

Frente a isso, justifica-se o intuito da análise de algumas obras literárias indicadas para abordar a questão da morte em um contexto cultural mais geral em que vivemos, onde a morte é silenciada (ARIÉS, 2017), e a manifestação do luto corre o risco da patologização<sup>4</sup>. A obra literária infantojuvenil pode ser uma janela para tanto indagar-se a criança sobre um tema sensível, quanto construir

---

<sup>4</sup> Consultar o CID 10 Z63.4 - Desaparecimento ou falecimento de um membro da família. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID 10, disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: 21 out. 2018.

ali um leitor entusiasmado. Em matéria literária para crianças “[...] nunca é demais frisar o peso circunstancial que o adjunto infantil traz para a expressão literatura infantil. Ele define a destinação da obra; essa destinação, no entanto, não pode interferir no literário do texto” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 11).

## NECROPSIA LITERÁRIA

A morte tem o condão de complicar a consigna do *seja feliz*, tão intensa em nossa sociedade, pois admite que existe de fato a finitude da existência. A literatura infantojuvenil consegue abarcar o tema, servindo como artefato cultural mediador e desencadeante para o diálogo sobre ela. Amparados nessas premissas, buscamos indicações selecionadas para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) de 2014. Delimitamos assim o corpus para análise: *Para onde vamos quando desaparecemos? Menina Nina: duas razões para não chorar; O pato, a morte e a tulipa; No oco da avelã e Irmã-estrela*. Uma consulta ao edital de seleção 2014 permite saber que a avaliação incide sobre a qualidade do texto, a adequação do tema aos interesses do público-alvo e a representatividade das obras, além dos aspectos gráficos. Nesse segundo critério, menciona-se uma passagem importante, que vem ao encontro da pesquisa quando cita que: “Não serão selecionadas obras que apresentem didatismos, moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem”, bem como “[...] serão considerados, além da diversidade temática, os diferentes contextos socioeconômicos, culturais, ambientais e históricos que constituem a sociedade brasileira” (BRASIL, 2012, p. 21).

De abordagem qualitativa, nossa pesquisa é documental e bibliográfica, e almeja a análise das diferentes formas como a morte é representada nos livros selecionados pelos critérios referidos anteriormente, debruçando-se sobre as intencionalidades dos textos. Em matéria literária, utiliza-se a contribuição de Coelho (2000), com alguns questionamentos que orientam uma análise crítica, advertindo que esta separação dos elementos enumerados são um artifício didático, pois todos eles estão conectados pelo fenômeno da escritura literária. Adaptado de Coelho (2000, p. 60-61), alguns dos eixos que norteiam nossa análise cultural literária são:

1. Qual seu enredo, assunto, trama e fabulação?

2. Que diálogos a obra pode proporcionar na interação com as culturas juvenis?

3. Há marcas de abordagem escolar no texto ou em sugestões de atividades?

4. Que marcadores sociais da diferença são acionados pelos personagens?

A saber, como dialogam marcadores de geração, raça, gênero, orientação sexual, pertencimento religioso, estrutura familiar, ambiente urbano ou rural, contexto cultural do oriente ou do ocidente, ideário político, etc. Olhar os personagens com atenção aos marcadores sociais da diferença de que são portadores traz elementos para compreensão do possível diálogo com as culturas juvenis. Esses elementos (ex)implicitamente carregam consigo a construção de hierarquias e desigualdades entre as pessoas por conta do pertencimento de gênero, raça/etnia, credo religioso, orientação sexual, classe social, nível de escolaridade dos pais, acesso ao consumo e outros:

[...] Ou seja, cada um/a de nós traz em sua bagagem: uma origem de nascimento, numa cultura particular; uma referência de classe social definida a partir da posse de bens materiais e simbólicos, posições de poder e prestígio; marcas corporais e psicológicas que podem definir se somos homens ou mulheres; uma classificação num sistema racializado baseado na cor da pele ou em outros fenótipos; uma orientação sexual expressa de modo público ou não; uma idade que sinaliza o que é permitido ou proibido, e assim por diante. Esses sistemas de classificação a partir de ‘marcadores sociais da diferença’ são construções sociais, pré-existent ao nosso nascimento – não fomos nós que os criamos – e se articulam de maneira a produzir maior ou menor inclusão/exclusão, a depender do quanto confrontam identidades sociais hegemônicas (MELLO; GONÇALVES, 2010, p. 63).

Do mesmo modo, não passarão despercebidos os títulos dos livros, bem como elementos de seus projetos gráficos, ajudando a explorar alusões ao assunto da pesquisa, nessa relação entre as obras e seus possíveis leitores e leitoras, pedindo licença para uma “[...] leitura que segue trilhas, lança hipóteses, experimenta, duvida, num exercício contínuo de experimentação e descoberta. Como a vida” (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 11).



## EXUMAÇÃO DAS MATERIALIDADES

t.

Para a análise das obras literárias, apresentamos primeiramente as informações importantes sobre os livros, elencando-se o título, a autoria e sua nacionalidade, o título e sua edição original no país de origem e no Brasil, visto que podem ocorrer traduções para a língua portuguesa, bem como a publicação ter um maior tempo de tiragem no exterior. Em seguida, a partir da metodologia nomeada, faz-se o trabalho analítico dos artefatos culturais, as obras selecionadas e distribuídas através do PNBE 2014 para as escolas públicas. A primeira obra tem por título *Para onde vamos quando desaparecemos?*. De autoria de Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso (Portugal), Editora Planeta Tangerina na edição original portuguesa de 2011, e Editora Tordesilhinhas na edição brasileira de 2015.

**Figura 1 – Capa do livro**



Fonte: Tordesilhinhas (2015).

O título do livro brinca com o verbo desaparecer, e a questão da morte está implícita, e já colocada na sinopse. O projeto gráfico utiliza cores vivas, chamando a atenção um tracejado preto que atravessa praticamente todas as páginas, quase até o fim, percorrendo o caminho para explicar para onde vão algumas coisas do mundo quando desaparecem, destacando o questionamento: “De quem fica, quase sempre se diz que fica de mãos vazias. Mas a verdade é que quem parte, lhe deixa um monte de perguntas” (MARTINS; MATOSO, 2015, p. 11). “Para onde vamos quando desaparecemos?” apresenta-se como

um portfólio, unindo as ilustrações com o seu texto poético e filosófico, a fim de explorar o mistério da morte, a partir das incertezas humanas, sem, contudo, desconsiderar as múltiplas hipóteses formuladas deste questionamento.

As autoras recorrem à argumentação de que nada dura para sempre. E, nesse discurso, pode-se encontrar, em meio às explicações científicas, uma pitada da influência religiosa nos seguintes trechos da obra: “E as poças de água? Transformando em nuvens, todas as poças vão para o céu. Mesmo as que foram poças más, daquelas que nos deixam encharcados, têm no céu um lugar garantido” (MARTINS; MATOSO, 2015, p. 18-19), complementando-se, “E as nuvens para onde vão? As nuvens mais cedo ou mais tarde, voltam a cair no chão. Mas, enquanto voltam e não voltam, sentimos a sua presença em forma de sombra... Buuu... Têm fantasmas na Terra, as nuvens” (MARTINS; MATOSO, 2015, p. 20-21).

Essa mistura de sentimentos da finitude com as noções de recompensa e/ou punição das práticas executadas em vida, além do receio e do medo do Além, mostram a presença de elementos de diversas crenças religiosas. Há que se preocupar não apenas com o suposto fadário, mas de talvez não haver espaço em nenhum dos lados conhecidos, vagando a pessoa, após a morte, por tempo indeterminado no mesmo espaço dos vivos. Tomar garantias para bem enfrentar essa etapa da existência é prática antiga:

A partir do século XIII, e sem dúvida graças aos frades mendicantes que desempenharam um grande papel nos assuntos referentes à morte até o século XVIII, práticas que originalmente eram apenas clericais e monásticas estenderam-se ao mundo mais numeroso dos leigos urbanos. Sob pressão da Igreja e por medo do Além, o homem que sentia a morte chegar queria prevenir-se com as garantias espirituais (ARIÈS, 2017, p. 111).

As autoras não negam que todos irão morrer, mas deixam em aberto as inúmeras possibilidades no imaginário das pessoas sobre o que acontece, após a finitude de suas vidas, negando, apesar disso, o nada como destino para essa situação.

A obra seguinte é *Menina Nina: duas razões para não chorar*. De autoria de Ziraldo, autor brasileiro, publicada pela primeira vez, em 2012, pela Editora Melhoramentos. “Menina Nina: duas razões para não chorar” é uma narrativa que apresenta a relação entre avó e neta, rompida pela morte da ascendente,

ressaltando-se o apreço pelo respeito de diferentes pontos de vista dos credos pessoais sobre a pós-morte para aqueles que devem seguir sua vida sem um ente querido.

## Figura 2 – Capa do livro



Fonte: Melhoramentos (2012).

De modo provocante, o título do livro aponta que há formas de compreender a morte – no caso da história, duas formas principais – que podem implicar a possibilidade de não chorar. Nitidamente, as ilustrações de Ziraldo utilizam cores vivas, com seu traço original. A profunda e intensa relação entre avó e neta desponta desde o início da trama. Aliás, a realização de tornar-se avó é comparada a uma matrisca, em referência a conhecida boneca russa, que contém dentro dela diversas outras iguais, mas de tamanhos sucessivamente menores. Sua personalidade torna-se referência para a neta Nina, almejando tornar-se Vivi quando adulta. Ao longo da narrativa temos a desconstrução da mulher que se dedicava, exclusivamente, à casa e seus afazeres. Há uma realização em tornar-se avó, em querer dividir momentos com netas e netos, acompanhando seu crescimento. Mas tal dinâmica está em regime de disputa com outros desejos da velha senhora, que também lembra de si como indivíduo, das relações sociais com pessoas que não sejam da família, dos momentos de lazer, das dificuldades enfrentadas no mundo adulto, desse nascimento que coloca o sujeito em um novo arranjo na constelação familiar.

Cada vez que uma criança nasce, nasce ou renasce também um avô. O nascimento de uma criança impele a todos na escala

genealógica, atribuindo aos avós essa nova posição familiar. E apesar de os avós serem designados por uma mesma nomenclatura, nem todos são interpelados por este acontecimento na mesma época ou da mesma forma. Uma pessoa pode tornar-se avó aos 30, 50 ou 70 anos, com ou sem companheiro, morando próximo ou distante de seus netos, em melhores ou piores condições de saúde, estando aposentado ou em pleno exercício profissional e cuidando, ou não, de seus netos regularmente. Essas variáveis influenciam de modo importante o modo como avós e netos convivem e se relacionam (RAMOS, 2015, p. 197).

Tudo, porém, muda para Nina quando, em uma noite de lua cheia, apreciada pela janela de sua casa, Vivi irá morrer. Ao amanhecer, a ausência da avó é sentida pela família, sendo interrompida pela força abrupta com que a porta do quarto de Vivi é aberta. “Vovó dormia para sempre” (ZIRALDO, 2012, p. 27). Essa ruptura na relação das duas gera um sentimento de negação e deixa diversos questionamentos para a neta, como se um roteiro, um *script* tivesse sido elaborado por ambas, e nele Vivi não cumpriu com seu papel.

**Figura 3 – A super-vovó**



Fonte: Ziraldo (2012, p. 17).

**Figura 4 – O choro**



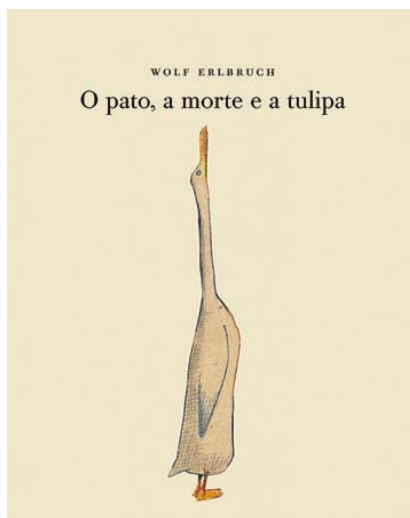
Fonte: Ziraldo (2012, p. 30).

A carga emocional da trama é forte, e abre-se uma permissão para chorar, antes negada pelo suposto desejo da avó de não gostar de despedidas. Como um visto para afogar, temporariamente, a angústia e a dor sobre aquilo de que não detemos o controle e de que tampouco se tem compreensão, apresentam-

se duas razões à menina para consolar o seu sentimento de luto. A primeira, de que a avó dormiria para sempre, um repouso eterno que permitiria, em seus sonhos, ver o crescimento de Nina. A segunda refere-se à perspectiva de um despertar de Vivi em outro mundo, feito de luz e estrelas, configurando-se em um anjo, podendo voar no espaço e acompanhar o desenvolvimento da menina. Há aqui claros traços da crença na imortalidade, na possibilidade de que os mortos possam acompanhar os vivos, estar a seus lado. Por fim, “Dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida” (ZIRALDO, 2012, p. 37).

A obra seguinte é *O pato, a morte e a tulipa*. “*O pato, a morte e a tulipa*” aborda em sua narrativa, o pressentimento da finitude, protagonizada entre um pato e a morte, explicitando diálogos de descobertas e questionamentos sobre a aceitação do fim da vida. De autoria de Wolf Erlbruch (Alemanha), com título original *Ente, tod und tulpe*, edição original de Verlag Antje Kunstmann GmbH, 2007, e edição brasileira em 2009 pela Cosac Naify. O livro já destaca o assunto da morte em seu título. Com uso de cores atenuadas, o amarelado destaca-se em quase todas as páginas.

### Figura 5 – Capa do livro



Fonte: Cosac Naify (2009).

Nessa história, um pato conhece, particularmente, a Morte. Sem rodeios, a trama já revela o pressentimento da finitude do personagem, a partir da aparição dela. Apesar do posterior fortalecimento do vínculo entre o pato e a

Morte, a apresentação é objetiva: “Fazia tempo que o pato sentia que algo não ia bem. Quem é você, e por que fica andando atrás de mim? Ainda bem que você finalmente percebeu [...] Eu sou a Morte” (ERLBRUCH, 2009, p. 2-3). Esse encontro pode ser ligado às remotas épocas em que a morte era considerada domada, em que havia uma advertência explícita a quem chegara ao fim da sua vida, afinal, “Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer. Ou se trataria da morte terrível, como a peste ou a morte súbita, que deveria ser apresentada como excepcional, não sendo mencionada. Normalmente, portanto, o homem era advertido” (ARIÈS, 2017, p. 29).

O pato descreve a Morte como simpática, quando não levava em consideração quem ela era. Sendo a cabeça um crânio, trajando vestes e calçada, a imagem da morte está automatizada, historicamente, ao ponto que “[...] o cadáver decomposto é substituído pelo esqueleto e mesmo este frequentemente, é dividido em pequenos elementos - crânios, tíbias e ossos - que, em seguida, são recompostos, numa espécie de álgebra” (ARIÈS, 2017, p. 147-148), revelando a estratégia, como função pedagógica, registrada por Palo e Oliveira (2006), da utilização da imagem para materializar, determinar e preencher tudo aquilo que poderia ser impreciso e vago sem tais construções imagéticas.

Emília, por exemplo, já está preenchida imediatamente em nossa imaginação, assim como todos os demais moradores do sítio do Pica-Pau Amarelo, pela automatização de um hábito que nos leva a aproximar a já convencional imagem de Emília - boneca de pano/tranças/olhos de botões/pintas no rosto/esperta/curiosa e questionadora das normas sociais - à simples emissão de seu nome (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 16).

Já os vestígios da influência da religião, seja pela promoção, seja pela punição das atitudes dos seres, aparecem no diálogo em que o pato indaga a Morte sobre o céu ou o inferno dos patos e suas respectivas consequências de ir para este ou aquele lugar. “É o homem livre que se tornou seu próprio juiz. O céu e o inferno assistem como testemunhas ao combate do homem com o mal - o moribundo tem o poder, antes de morrer, de ganhar ou de perder tudo” (ARIÈS, 2017, p. 108). A morte do pato chega após um calafrio provocado pelo vento frio e fina neve que cairá, pedindo para que a morte o esquente um pouco. O pato já não respirava mais, e, aos seus cuidados, a Morte colocou-o

no rio, juntamente com a tulipa. Contemplando o horizonte, a Morte correu o risco de ficar triste. “Mas assim era a vida” (ERLBRUCH, 2009, p. 27).

t.

### Figura 6 – O fim da vida do pato e a continuação do trabalho da morte



Fonte: Erlbruch (2009, p. 24-25; 29).

A quarta obra de nosso corpus é *No oco da avelã*. De autoria compartilhada, Muriel Mingau (França) e Carmen Segovia (Espanha), com título original *Au creux de la noisette*, publicada como edição original em 2005 pela Editions Milan, e no Brasil pela Edições SM, em 2013. “No oco da avelã” constitui-se de uma narrativa que tem como personagem principal um menino filho, e gira em torno do enfrentamento, negação e posterior negociação em cima da morte da mãe. Apontam-se consequências para o funcionamento do mundo da possibilidade de abolição da morte. Noções como ciclo da vida, a efemeridade da existência e a importância de valorizar o estar com as pessoas são abordadas em estrutura narrativa cronológica.

O título do livro não permite pressupor o assunto; todavia, a ilustração da capa gera indícios da morte envolvida na trama, numa conjugação das cores atenuadas do projeto gráfico da adaptação desse conto popular escocês, e da presença de uma foice um tanto assemelhada a uma bandeira de praia, a obra apresenta o dilema do filho para salvar sua mãe da morte. Novamente, o pressentimento da finitude aparece nos diálogos estabelecidos entre os dois, quando Paul procura por sua mãe em uma manhã, incansavelmente pela casa, visto que ela estava sempre envolvida nas tarefas domésticas, esquecendo-se de

ir ao quarto, onde a encontrou, repousando, preparada para o que estava por acontecer.

t.

Ela abriu os olhos e respondeu suavemente:

- Chegou minha hora.
- Hora de quê? - indagou o menino.
- Logo ela virá me buscar.
- Ela quem? - inquietou-se Paul.
- A Morte. Vai me levar para seu reino (MINGAU; SEGOVIA, 2013, p. 8).

### Figura 7 – Capa do livro



Fonte: Edições SM (2013).

A negação frente ao presságio da mãe acarreta a revolta de Paul, que sai em busca de uma solução pela vila dos pescadores. Ao caminhar pela praia, depara-se com ninguém menos que a Morte, à procura da sua casa. Em um ato súbito, decide enfrentá-la, golpeando-a com sua foice, trancafiando-a em uma avelã encontrada nas areias do local, fechando a casca com um graveto e, finalmente, jogando-a ao mar. De volta a sua casa, escondeu os restos da foice e encontrou a mãe sã. Esse anseio de Paul vai ao encontro da seguinte constatação:

No século XIX, a morte parecia presente em toda parte: cortejos de enterros, roupas de luto, extensão dos cemitérios e sua



superfície, visitas e peregrinações aos túmulos e culto da memória. Mas será que esta pompa não ocultava o relaxamento das antigas familiaridades, as únicas a realmente possuírem raízes? Em todo caso, esse eloquente cenário da morte oscilou em nossa época, tendo a morte se tornado a inominável. Tudo se passa como se nem eu nem os que me são caros não fôssemos mais mortais. Tecnicamente, admitimos que podemos morrer, fazemos seguros de vida para preservar os nossos da miséria. Mas, realmente, no fundo de nós mesmos, sentimo-nos não mortais (ARIÈS, 2017, p. 98).

As consequências do aprisionamento da Morte não demoram a surtir efeito. Nem a mãe, nem Paul conseguem quebrar os ovos para fazer omelete ou colher legumes na horta. Na vila, a confusão foi percebida pelo menino que viu grande alvoroço e debates entre os habitantes. Ao se inteirar da discussão, Paul percebe que se trata sobre a escassez de peixes, sobre a fuga de novilhos do açougueiro, à resistência do trigo para ser ceifado pelo fazendeiro. Escuta, em seguida, que a situação era estranha, parecendo que nada mais podia morrer. Em choque, Paul acaba por confessar à mãe sobre o seu ato, mais cedo, na praia, para o desolamento dela.

**Figura 8 – Enfrentamento**

**Figura 9 – Libertação da**

## com a Morte



Fonte: Mingau; Segovia (2013, p. 12).

## Morte



Fonte: Mingau; Segovia (2013, p. 29).

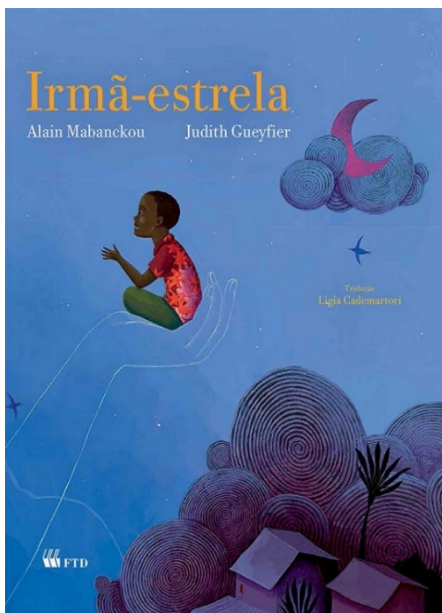
Na corrida pela reparação da ação, Paul se depara com a incógnita do paradeiro da avelã, encontrada na praia onde o menino a lançou. Entre o dilema de soltar a Morte e perder sua mãe, Paul decide por libertá-la, indicando o caminho para sua casa, enquanto buscava os restos de sua foice. Como prova de gratidão, a Morte decide não levar sua mãe, ao menos, por enquanto, frisando do seu retorno algum dia, e despedindo-se para a continuidade da sua tarefa na aldeia. Já “Paul viveu ainda longos anos de felicidade com a mãe, pois, quando a Morte veio buscá-la, havia se tornado uma mulher com mais de cem anos. Desta vez ele ficou contente com sua partida, pois não há vida sem a Morte. Isso desde muito tempo Paul sabia” (MINGAU; SEGOVIA, 2013, p. 30).

A quinta obra é *Irmã-Estrela*. De autoria de Alain Mabanckou (República do Congo) e Judith Gueyfier (França), com título da publicação original *Ma soeur-étoile*, pela Editions du Seuil em 2010, e pela Editora Champagnat - PUCPR, 2013, no Brasil. “Irmã-estrela”, em sua narrativa, retrata a relação de um menino com os conflitos escolares e familiares. A isto soma-se a situação de ter que lidar com a perda da irmã, embora esta tenha falecido antes de seu nascimento. Cria-se uma forma própria de comunicação com a irmã, através de

credos típicos do contexto africano, sinalizando a questão da aceitação e da morte na infância.

t.

### Figura 10 – Capa do livro



Fonte: FTD, 2013.

A obra foi selecionada por ter sido contemplada no PNBE 2014, juntamente com *No oco da avelã*, por abordar o assunto da morte em seu enredo. Já o título *Irmã-estrela* não fornece subsídios suficientes para deduzir sobre a temática da obra, sendo esta declarada pela sua sinopse.

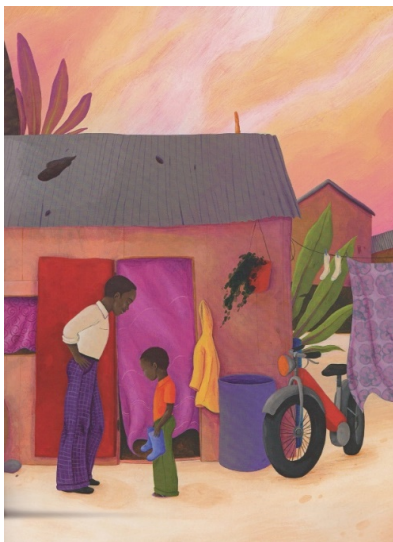
Sobressalta-se, notavelmente, a qualidade do projeto gráfico aos olhos do leitor e da leitora, com ilustrações em cores vivas, traçado de linhas atraente, ocupando, por vezes, duas páginas inteiras.

De todas as obras delimitadas em nossa busca, essa é a única que apresenta um personagem negro como protagonista, contribuição do autor congolês, que apresenta parte dessa cultura, a partir de sua visão, ao longo da história. O fio condutor da trama versa sobre a irmã mais velha que veio a falecer, invejada pelos maus espíritos na aldeia de nascimento por sua beleza, sendo cercada à noite por estes, o que culmina em um feitiço jogado na sua casa. Os antepassados quiseram, por isso, que ela fosse reencontrar Deus e os

anjos no céu, bem como a conseqüente proteção para a família. Já o irmão estabelece comunicação com ela, aguardando a estrela que se destacar no céu a cada noite.

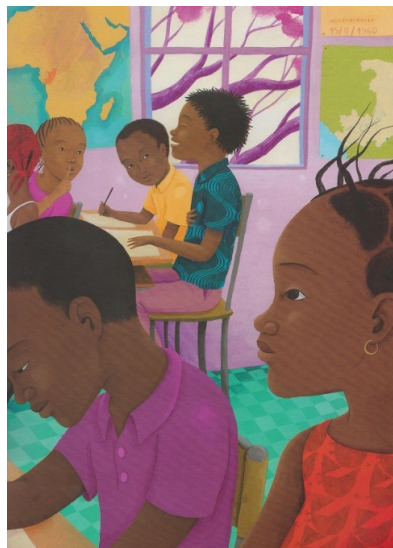
t

**Figura 11 – A questão do lar**



Fonte: Mabanckou; Gueyfier (2013, p. 19)

**Figura 12 – O segredo na escola**



Fonte: Mabanckou; Gueyfier (2013, p. 19).

Ainda que a morte da irmã seja desencadeadora de quase toda a história, o cotidiano familiar e seus conflitos são relatados. Nesta rotina aparece o incentivo à leitura do menino com os livros recolhidos pelo pai, do lixo no hotel, onde trabalha para os homens brancos. Ficamos sabendo, também, da busca do menino por um feiticeiro para tornar-se mais forte, defendendo-se com um bracelete, frente aos meninos da vizinhança que lhe roubavam os brinquedos. E aparece, especialmente, o desejo do menino em morar com o tio, detentor de melhores condições socioeconômicas, a contragosto do pai. Por fim, o menino decide compartilhar seu segredo de manter contato com a irmã com o colega de classe Nestor. Ao ouvir a narrativa, este não acredita em nenhuma palavra, chamando-o de mentiroso, justificando que a irmã havia morrido há muito tempo. Chateado, comenta com a irmã-estrela sobre a situação. Ela, por sua vez, combina de provar a veracidade para o colega. Nestor então é comunicado sobre o dia e o momento de avistar o céu para visualizá-la. Incrédulo na história, porém, movido pela curiosidade, ele avista a tal estrela.

A situação aproxima Nestor do menino. Nestor confessa que perdera o irmão, todavia, não consegue vê-lo e nem manter contato. Paciência é o conselho dado pelo menino a Nestor. Mais do que a intencionalidade de emocionar, a história permite notar a presença dos dilemas na vida de um menino sem uma irmã mais velha para protegê-lo, nem de um irmão ou irmã mais novo(a) para proteger, apesar dos conflitos familiares.

## PARA TODA DESPEDIDA, UM RITUAL

Suturando as materialidades e suas análises, algumas ponderações. Primeiramente, das cinco obras escolhidas para o trabalho, quatro são estrangeiras e apenas uma é brasileira. Isso não significa desmerecer a qualidade dos textos literários nacionais, mas um apontamento que faz refletir sobre a abordagem do tema da morte entre nós. Posteriormente, quanto à questão de gênero na autoria dos livros, contemplando as/os ilustradores/as do acervo analisado, a análise identificou quatro escritores frente a uma escritora. Já no quesito das imagens, constatou-se a presença de três ilustradoras para dois ilustradores. Um apontamento interessante é que as mulheres elaboraram o projeto gráfico dos artefatos que foram escritos por homens: *Irmã-estrela* e *No oco da avelã*, exceto em *Para onde vamos quando desaparecemos?*, elaborada por duas mulheres. No caso de *Menina Nina: duas razões para não chorar* e *O pato, a morte e a tulipa*, as ilustrações foram elaboradas pelos próprios autores da escrita dos livros.

Nos enredos, ocorre a predominância da morte da figura feminina; em *Para onde vamos quando desaparecemos* não há morte(s) específica(s), mas uma universalização do fenômeno para os seres humanos. Depois, em *Menina Nina: duas razões para não chorar*, há a morte da avó. Quanto ao *O pato, a morte e a tulipa*, aborda-se a morte do pato, possibilitando o tratamento como uma fábula contemporânea, considerando que essa modalidade literária consiste na “[...] conversão de personagens não humanas, mas antropomorfizadas, em símbolos das vivências e da interioridade da criança” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 112). Em duas obras temos situações de morte de irmão e irmã (é o caso de *Irmã-estrela*) e a morte de uma mãe (*No oco da avelã*). São mortes de pessoas muito próximas entre si, e com certeza com possibilidades de terem reflexo em situações escolares. Em *No oco da avelã* o menino Paul termina conseguindo adiar a morte de sua mãe. Em *Irmã-*

*estrela* temos a criação de uma identidade com muita probabilidade de existir na escola: a da criança que teve um irmão ou irmã morta. Essas diferentes posições de sujeito produzem identidades, assim como em outra história analisada temos a figura da menina que já não tem mais a avó presente. São questões sensíveis, identidades marcadas por perdas, e a literatura pode ser veículo para uma conversa no cotidiano escolar sobre o tema:

A literatura é um veículo da linguagem, em que se realizam exercícios de poder ao atribuir sentido e significado. Com isso, ela contribui na fabricação de identidades, posicionando os sujeitos em diferentes e desiguais lugares sociais. Dessa forma, é importante destacar o quanto a literatura infantojuvenil exerce uma função produtiva nas representações de identidades culturais que circulam entre as crianças e jovens. Contudo, ela não é ‘a responsável’ pela fabricação de tais identidades e seus significados, já que estes se fixam pela trama de poder que age através de diversos e variados produtos culturais, e não de um único artefato cultural (ARGÜELLO, 2013, p. 110).

Recorrendo a Ariès (2017), percebe-se a ausência, nas obras nomeadas, de referências ao hospital – local moderno da morte, assim como do nascimento – bem como à relação de poder exercida pelos médicos sobre o paciente em seu dilema entre a vida e a morte. Dificilmente morre-se em casa, como no início de *No oco da avelã* e em *Menina Nina: duas razões para não chorar*. Estas considerações não tornam as obras literárias analisadas menos importantes. Pelo contrário, a abordagem de temas sensíveis ou questões controversas fica facilitada pelo contraste. Para quem não conheceu a morte em casa, ou não imagina a doença e a morte sem a presença de médicos, estas obras indicam a historicidade de tais processos, outros modos de pensar o final da vida. Diferente de uma visão mais materialista da vida, em que a morte é fim, outras obras analisadas permitem indagar sobre comunicação dos vivos com o reino dos mortos, tema que desde muito acompanha as indagações da humanidade, do oriente ao ocidente. A instituição hospitalar, tão central hoje em nossas vidas, a demarcar o local do nascer e do morrer, território tanto da busca pela saúde, das tentativas de cura e do atestado de óbito, pode ser pensada como invenção histórica, como efetivamente se deu, a contrastar com tempos anteriores:

A morte no hospital não é mais ocasião de uma cerimônia ritualística presidida pelo moribundo em meio à assembleia de seus parentes e amigos, a qual tantas vezes mencionamos. A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar. Inclusive, na maioria dos casos, há muito o moribundo perdeu a consciência. A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração. Todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte, e ninguém mais tem forças ou paciência de esperar durante semanas um momento que perdeu parte de seu sentido (ARIÈS, 2017, p. 84).

Considerando a família e a religião como instituições sociais de forte influência sobre os alunos e as alunas que frequentam as instituições de ensino, abordar a morte no contexto escolar pode ser caracterizado como um tema sensível em Educação. Diante de diferentes crenças e visões professadas em uma sala de aula, por conta da diversidade de pertencimentos do alunado, a intervenção docente pode ser considerada uma afronta às doutrinas desta ou daquela religião, aos valores desta ou daquela família. Contudo, é impossível desviar-se de temas polêmicos na docência, pois é justamente a escola que permite às crianças e jovens tomarem contato com outros modos de ser, de entender o mundo, de explicar os fenômenos. Também é a escola um espaço de escuta e debate de assuntos que eventualmente são proibidos em outras instituições sociais. Alunos revelam curiosidades e temores, e a escola é instituição que deve ser acolhedora para eles, que podem encontrar no professor ou na professora um adulto de referência.

O professor, como adulto de referência, aposta no diálogo acerca dos temas de interesse das culturas juvenis e na apresentação do mundo, sem fazer disso uma pregação religiosa, pois ele não lida com dogmas, mas reconhece que as novas gerações podem mudar elementos que estruturam o mundo ao mesmo tempo em que precisam reconhecer como o mundo se ordena. [...] Um professor atua como adulto de referência quando ele ajuda os alunos a entender que o mundo se organiza a partir de uma multiplicidade de pontos de vista e que a vida em sociedade exige um considerável grau de negociação das diferenças (FACHINETTO; SEFFNER; SANTOS, 2017, p. 16).

Apesar de a violência não ser relatada nos livros como fator das mortes dos personagens, a realidade brasileira (con)vive, diariamente, com situações de perdas envolvendo seres humanos de todas as idades, cores, credos, gêneros, por meio da violência. E o território escolar não é imune às adversidades da vida real, porque as pessoas que fazem parte dessa instituição atravessam a todo instante essa fronteira. Há certa naturalidade da morte nos livros analisados, vale lembrar todos eles infantojuvenis, que contrasta com as mortes violentas, por lenta degenerescência, cercadas de dor e motivadas pela falta de estrutura hospitalar, que vivenciam com certeza muitos alunos e alunas, professores e professoras. Este é outro elemento das obras que, longe de lhes desqualificar, permite, por contraste, que as culturas juvenis tenham uma visão da morte associada a tristeza, mas também a tranquilidade. E, nessa inquietação, em meio às leituras e pesquisas, de dúvidas e incertezas, pede-se licença para apresentar o excerto que remete a uma grande dose de realismo, acrescentada com uma pitada de esperança. Afinal de contas,

A história real dos homens nunca foi fácil de aceitar. A violência, a ignorância e a injustiça triunfam com maior frequência do que gostaríamos de admitir. Pelo menos nossa capacidade de criar, de contar histórias, parece ter encontrado formas de sobreviver e questionar. Afinal, certa dose de otimismo é possível, pois, embora a ficção não tenha o poder de salvar o mundo, como tantos heróis contemporâneos têm tentado, ela pelo menos o enriquece (CORSO; CORSO, 2006, p. 306).

A oferta desses livros no ambiente escolar permite às crianças e jovens enveredar pelos caminhos da leitura das obras, eventualmente movidos apenas pelo prazer de ler e pela curiosidade, sem a exigência de um didatismo, criando momentos de reflexão pessoal. A oferta de atividades pedagógicas posteriores à leitura pode se dar pautada pelas estratégias da educação em temas sensíveis. Ela oferece a possibilidade de construir e reconstruir pensamentos e atitudes, abrindo oportunidades de escuta com pessoas e suas histórias de vida, incluindo as perdas pessoais, em que a morte ocupa um lugar, por vezes, calado e olvidado.

Só se fala de morte porque existe vida. Uma condição humana que não se pode prever ou controlar. Talvez, por isso, gere angústia e/ou medo nos seres humanos, que sabem que seu tempo terreno é limitado, mas que mesmo assim reagem frente à morte com surpresa. A morte que nos atinge é aquela de alguém próximo. Portanto, este assunto não pode ser considerado como intruso



no cenário educacional. Embora nem sempre seja previsto no planejamento docente, sua censura joga-o no currículo turista – abordado somente em datas ou situações específicas –, não possibilitando o diálogo e a reflexão do fenômeno sobre a finitude da vida. A morte é tema sensível, a acompanhar a vida, também ela um tema sensível.

A literatura infantojuvenil, em tal situação, torna-se uma fonte de inspiração para a expressão desse mistério que é a morte. Entre as recorrências de orações e milagres para os vínculos afetivos estabelecidos de quem parte ou de quem permanece, evidenciando o entrelaçamento ao contexto religioso, a literatura exprime uma ideia desconcertante às leitoras e aos leitores: entre a aparência e a essência do indivíduo, o quão assustador é pensar sobre a *coisa desconhecida*, a qual nunca se olha ou se toca. Como programados para fugir da morte, o fim lança as reticências da incompletude humana. A obra literária pode formar um bom leitor, e um jovem atento à vida, porque reparou na morte.

## REFERÊNCIAS

- ARGÜELLO, Zandra Elisa Argüello. Contos a favor da equidade de gênero. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Org.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Editora da ULBRA, 2013. p. 109-124.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos tempos**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BEVILACQUA, Viviane. Dicas de como falar sobre a morte com as crianças. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/columistas/viviane-bevilacqua/noticia/2017/03/dicas-de-como-falar-sobre-a-morte-com-as-criancas-9757867.html>>. Acesso em: 08 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola PNBE 2014**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/109-editais?download=7721:edital-pnbe-2014>>. Acesso em: 13 maio 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

t

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. Tradução de José Marcos Machado. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FACHINETTO, Rochele Fellini; SEFFNER, Fernando; SANTOS, Renan Bulsing dos. Educação em direitos humanos: componente curricular indispensável na escola pública brasileira contemporânea. In: FACHINETTO, Rochele Fellini; SEFFNER, Fernando; SANTOS, Renan Bulsing dos (Org.). **Educação em direitos humanos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017. p. 9-26.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MABANCKOU, Alain; GUEYFIER, Judith. **Irmã-estrela**. Tradução de Ligia Cademartori. Curitiba: Champagnat, 2013.

MARTINS, Isabel Minhós; MATOSO, Madalena. **Para onde vamos quando desaparecemos?** São Paulo: Tordesilhinhas, 2015.

MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Revista Cronos**, Natal, v. 11, n. 2, p. 163-173, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufm.br/cronos/article/view/2157/pdf>>. Acesso em: 13 maio 2018.

MENDES, Teresa de Lurdes Frutuoso. A morte dos avós na literatura infantil: análise de três álbuns ilustrados. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1113-1127, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/06.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2018.

MINGAU, Muriel; SEGOVIA, Carmen. **No oco da avelã**. Tradução de Chantal Castelli. São Paulo: Edições SM, 2013.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa. **Literatura infantil**: voz de criança. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PEREIRA, Sofia. Livros que ajudam a explicar a morte às crianças. **Revista Fábulas**. 2015. Disponível em:

<<https://revistafabulas.com/2015/03/07/livros-que-ajudam-a-explicar-a-morte-as-criancas>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

RAMOS, Anne Carolina. Os avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00191.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Violência letal contra as crianças e adolescentes do Brasil. FLACSO, 2015.

ZIRALDO. **Menina Nina**: duas razões para não chorar. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

*Recebido em 28/10/2018*  
*Aprovado em 24/12/2018*